

RANKING 2019 das ESCOLAS

Exames Basta mais um ano de escolaridade das mães para fazer subir a média dos alunos do secundário. Recursos económicos continuam a pesar. Mas há quem consiga contrariar as adversidades

Quanto mais estuda a mãe, melhor é a nota do filho

CADERNO
DESTACÁVEL
8
PÁGINAS



Texto **ISABEL LEIRIA**
e **RAQUEL ALBUQUERQUE**
Ilustração **PAULO BUCHINHO**

A fotografia que todos os anos os rankings tiram ao sistema educativo não mostra apenas as médias conseguidas nos exames nacionais do 9º ano e do ensino secundário. É também um retrato das diferenças que existem na sociedade e da forma como a desigualdade de recursos económicos e habilitações académicas entre as famílias se repercute no desempenho educativo dos alunos, dificultando a mobilidade social.

O Expresso pediu a investigadores da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa que medissem a relação entre notas nos exames do secundário e alguns indicadores socioeconómicos que são fornecidos também pelo Ministério da Educação e as conclusões foram claras. Por cada ano de escolaridade a mais das mães, a média dos filhos sobe um quarto de ponto. E por cada 1% a mais no número de alunos carenciados em cada estabelecimento de ensino, há também um impacto mensurável nas notas. Neste caso, para baixo.

“É um facto que existe correlação entre estes dois fatores e os resultados escolares. Não diria que é muito forte, até porque nestas análises sociais é muito difícil encontrar uma correlação com essa intensidade, já que existem muitas variáveis a interferir e que não estão a ser consideradas neste exercício. Mas podemos dizer que são estatisticamente significativas”, resu-

me Hygor Piaget, físico da Faculdade de Ciências de Lisboa. O Ministério também dá dados sobre o nível de estudos dos pais, mas investigações anteriores mostraram que é a escolaridade das mães que tem mais impacto, já que são elas que mais assumem o acompanhamento escolar dos filhos.

O problema é que o nível de habilitações é muito variável e oscila entre os mais de 14 anos de escolaridade em algumas escolas de centros urbanos (por exemplo, na Secundária Filipa de Lencastre, em Lisboa, a média chega quase aos 15, indicando que a maioria dos encarregados de educação frequentou o ensino superior) e os cinco anos de outras, o que quer dizer que a maioria dos pais tem pouco mais do que o ensino primário.

O mesmo acontece com a percentagem de alunos carenciados, que oscila entre escolas em que os estudantes que recebem apoio financeiro se contam pelos dedos de uma mão e aquelas onde 70% beneficiam da ação social.

Casos de sucesso

Dito isto, também é um facto que os *rankings* tanto permitem chamar a atenção para situações de escolas que permanecem numa espécie de marasmo que impede os seus alunos de terminarem o ano com mais sucesso e que deviam, por isso, ter mais atenção do Ministério da Educação, como tornam possível encontrar as exceções que confirmam a regra e os bons exemplos que merecem ser avaliados e eventualmente seguidos.

O que está a falhar nas 81 secundárias onde mais de 40% dos estudantes chumbam no 12º ano ou naquelas onde a média nos exames nacionais nem sequer chega aos 8 valores numa

escala de 0 a 20? E como se conseguem proezas como a da secundária de Escariz, em Arouca, que obteve média positiva e melhorou no ano passado, apesar de ter a mais alta percentagem de alunos carenciados em todo o país (69%)? “Tenho visto neles maior motivação em querer ir para o ensino superior”, reconhece ao Expresso Eugénia Costa, adjunta do diretor da escola.

Há ainda casos de melhorias muito acentuadas, como a secundária Serafim Leite, em São João da Madeira, que galgou quase 300 posições até chegar à segunda média mais alta do país entre as escolas públicas (12,96 valores), praticamente *ex-aequo* com a Infanta Dona Maria, em Coimbra (13,02 valores). Aliás, as variações nos primeiros lugares andam à volta das décimas e das centésimas, ou seja, não têm quase nenhum significado. O que faz com que as ordenações também mudem de jornal para jornal, já que a amostra de exames utilizados também não é igual.

Os dados da OCDE têm mostrado que Portugal é um dos países onde as desigualdades mais se fazem sentir e o sistema educativo não é exceção. Entre os muitos efeitos negativos da pandemia que se abateu sobre o mundo, o impacto nas aprendizagens e nos resultados das crianças e jovens forçados a um ensino à distância, sobretudo no caso dos mais carenciados, será um dos mais maiores. E ninguém sabe por quanto tempo mais o ensino terá de continuar a ser feito em casa, tornando as crianças e jovens ainda mais reféns das condições socioeconómicas das famílias e das habilitações académicas dos pais.

ileiria@expresso.impresa.pt